

## RESENHA CRÍTICA

---

MARQUES, Juracy. **A Ecologia de Freud: Os Ecosistemas da Natureza Humana**. Petrolina: SABEH, 2017. 194 p.

---

### Sobre a criatura e seu criador

A *Ecologia de Freud*, mais um fruto da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH), apresenta a tese que o psicanalista Sigmund Freud é um dos prógonos da discussão acerca da natureza humana (pelo viés do inconsciente), uma vez que seus escritos, classificados como transdisciplinares, como de fato é (e deve ser) o que, hoje, discute-se na ciência e/ou no paradigma/método da Ecologia Humana, já demonstravam o “desejo” de entender o “bicho humano” e as suas complexas relações com o mundo, ainda que nos primórdios do alicerçamento desse “novo” campo do conhecimento.

Juracy Marques, também psicanalista, um dos sustentáculos da Ecologia Humana no Brasil, cidadão do mundo e autor destacado de vários livros, manifesta no texto, como o próprio denominou, um “Freud Verde”, um Freud mais biólogo, mais ecológo, que, por meio da sua urdidura de saberes acumulados das mais diversas ciências, saltou para o abismo dos enigmas da natureza humana. Marques, ainda na introdução, esclarece que o uso da letra “h” nas iniciais de algumas expressões, para além do efeito estético-ortográfico (*grifo meu*), são para “registrar” a marca *sui generis* do ‘h’omem presente em todos os fenômenos de sua ‘h’existência.

O livro possui 194 páginas e está dividido, além do prólogo, em cinco capítulos: o prólogo aparece intitulado *Hambiente*, em seguida tem-se *Hecosistema* e depois *Hanimal e Hespécie*. A penúltima parte traz a *Halma* no cabeçalho e encerra-se com o dístico *Hecologia*. Outras vocábulos, sentenças e acepções, muitos deles desconhecidos, estão imersos no oceano da “sapiência marqueniana”. Eis a extensão, a intensão e a estrutura da obra, bem como o alérgico perfil de seu autor. Agora é só preparar o “ser” para o mergulho.

## Hambiente

No primeiro momento, Marques inicia a debate questionando o ambiente como algo intrínscico a cada sujeito e que a sua representação nada mais é do que uma invenção do cérebro. “Não existe o mundo exterior”. (WILSON *apud* MARQUES, 2017, p. 25). Ele se baseia em Lacan para afirmar que o “mundo é um significante”, em Harari para criticar a “conquista” do mundo pelos *sapiens*, em Morin para alertar sobre o perigo da espécie e no próprio Freud para destacar a maldade/agressividade dos humanos, principais causadores da disforia nas sociedades, além de dialogar com Einstein e Darwin sobre esse instinto/pulsão (com discrepâncias entre os termos, claro) que são inerentes destes e d’outros animais.

O autor sugere que os estudos de Freud sobre os rompantes da espécie humana, o tornariam, conforme defende no decurso de suas linhas, num exímio ecólogo, pois essa busca pela compreensão do desejo, mencionado logo na epígrafe do livro, ora para o bem, ora para o mal, fez com que Sigmund trilhasse pelo caminho dos sonhos, utilizando-se da biologia humana sob a égide da psicanálise, onde, segundo Marques (2017, p. 28), “quando pensamos evolutivamente, psicanaliticamente, o inumano é humano”. Ele também faz uma observação sobre o conceito (político) de raça humana, que, vista pelos moldes biológicos, se afasta dos princípios ecológicos.

Dentre os pensadores citados no texto, Marques traz o discurso de Marcuse onde o homem é visto como “sujeito e objeto de sua própria história”. (p.31) . A questão do instinto continua sendo altercada, inclusive pautadas e relacionadas a sexualidade (metaforicamente aprecerem *Eros* e *Tanatos*). Trabalhos de Smal, Reich e Marcuse contribuem nessa discussão. Freud e Marcuse têm análises postas em evidência pelo autor onde para o primeiro, “a meta da vida é a morte”, e para o segundo, a “meta da morte é a vida”. Marques ainda avisa que os estudos freudianos sobre incestos, apesar de “morto e enterrado” para alguns, continuam bem vivos e presentes (como sintomas) na história da civilização.

Marques lista, naquilo que ele chamou de “plasticidade sintomática do mundo contemporâneo”, quadro de pânico, anorexias, bulimias, racismo, xenofobia, destacando a situação dos emigrantes e refugiados e várias

condições onde a solidariedade humana foi colocada à prova, pois, como ele mesmo disse, os humanos têm dificuldades em conviver com as diferenças e isso também é uma doença dos tempos atuais. É nesse “ambiente”, onde a função civilizadora é mais masculina do que feminina, que as teorias freudianas podem servir de base para compreender o animal humano e a natureza do seu ser, também questionada pelo escritor.

### **Hecosistema**

A conversa continua com mais provocações e Marques aparenta inquietude no tocante da condição de esquecimento do ser e questiona-se: “Quem se lembra de si?”. Para o psicanalista, “quando o ser está dentro, ele esquece de fora, e, quando fora, ele esquece de dentro” (p. 65). O hecosistema é um lugar de ilusão, onde o Outro inventado ensina/obriga o ser a não ser o que é, aliás, a mentir-se(r) e criar suas próprias utopias e hecologias.

### **Hanimal e Hespécie**

Freud desenvolveu suas teorias a partir de estudos sobre um rol de quadro clínicos, dentre eles, a histeria, que resultou em trabalhos sobre fantasias sexuais e desejos inconscientes. O tema da homossexualidade, para Sigmund um dos desfechos de bissexualidade, também aparece realçado do texto. Marques cita Roudinesco para explicar que “excessiva virilidade” poderia condenar a espécie ao “perpétuo extermínio”.

Marques destaca que Freud, assim como muitos, sabia da importância do cérebro, maior responsável pela transição evolutiva, onde a hespécie passou da animalidade para humanidade, era o hanimal virando homem, e sua teoria do inconsciente, sobre os desejos escondidos na mente, o tornariam, como defende Marques, num ecólogo humano, responsável por abrir as janelas e portas para compreensão do que é hanimal-humano.

### **A Halma**

Essa lacuna transitória foi questionada por Freud e Darwin. Ambos desejavam descobrir quando o animal tornou-se humano, quer dizer, quando

ele foi assim classificado. O autor, fundamentado nas ideias de Agamben, externa que a linguagem foi o grande marco do humano. Marques, no entanto, lembra que antes existiam outras formas de comunicação e que “uma peça de vestuário [do bicho] cobriu seu corpo com a pele da língua” (p. 111), desenvolvendo, assim, como explica as teorias de Lamarck (lei do uso e desuso), a capacidade da fala.

Marques associa o nascimento do primeiro animal sem alma (bactérias unicelulares) à magia da *autopoiesis*. Depois faz uma breve linha do tempo até o aparecimento dos humanos Neves, Neto, Tankara e outros teóricos aparecem no seu texto. E com o avanço da linguagem, outras formas de manifestações (pinturas e gravuras) foram surgindo, destarte, o homem começava a expressar o que vinha de dentro de seu corpo, irrompia aí a alma, entrando “em cena a sua imaginação”, numa “subjetividade singular”. Freud, em seu estudo sobre o psiquismo humano, coloca o inconsciente como o elo para essa mundança para humanidade, novamente indagada pelo professor Juracy, que insta para pensarmos sobre a tal humanidade da humanidade.

## **Hecologia**

Por fim, Marques apresenta, aos “mergulhadores” de suas águas, a biografia de Freud, inclusive com detalhes de sua vida pessoal, e destaca alguns fatos importantes que ajudaram a construir a sua subjetividade. A história e o pessimismo de Freud se parecem com a Ecologia, que narra o fim da vida insustentável no planeta. A metáfora do icerb representa bem o que é a mente para Sigmund, estando a sua maior parte ainda submersa, permanecendo nesse ambiente a alma, escondida e recalcada. A hecologia de Freud nos permite ir além do além para entender a natureza da natureza humana, inclusive para superar o ludíbrico da eco-logia e do próprio ser, afinal de contas, **“Freud, na sua desesperança, sempre esperançava a esperança”**.